

CONVIVENDO O LUTO: O PROCESSO DE ACEITAÇÃO DAS FAMÍLIAS E A ADAPTAÇÃO ESCOLAR DIANTE AS NECESSIDADES DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Eduarda Bechepeche Frony Costa ¹
Larissa Lopes de Araújo Dias ²
Stephany Lorrany Ferreira de Souza ³
Iasmym Oliveira de Sousa ⁴
Peterson Trindade dos Santos ⁵

O luto é um processo que se inicia com a perda quer seja de um ente querido, quer seja de um sonho não realizado e que talvez não se encerre deixando um vasto caminho de tristezas e incertezas.

Segundo neurologista, psiquiatra e fundador da psicanálise, Sigmund Freud o luto é definido como:

O luto é um processo lento e doloroso, que tem como características uma tristeza profunda, afastamento de toda e qualquer atividade que não esteja ligada a pensamentos sobre o objeto perdido, a perda de interesse no mundo externo e a incapacidade de substituição com a adoção de um novo objeto de amor (FREUD, 1915).

Não será tratado nesse estudo o luto da perda de um ente, mas da realidade do recebimento do laudo de deficiência e seu caminho até a aceitação por parte da família. Independentemente da tipificação do luto ou em qualquer um dos casos, é importante saber os estágios que são vividos e como são superados (ou não): 1- negação: vista como uma autodefesa; 2- raiva: que é seguida por diversos questionamentos e comparações; 3- barganha: desenvolvimento de pensamentos de que as coisas podem mudar e com isso é fazer com que se sintam melhor; 4- depressão: ocorre quando realmente enfrenta a realidade e 5- aceitação: fase final e é conseguida superar as etapas anteriores e passa a lidar melhor com a realidade.

O processo de diagnóstico/luto pode durar um período prolongado e acontecer já quando a criança estiver no ambiente escolar. Nesse sentido, a escola tem um valor

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Brasília-IFB/DF, eduardabechepeche@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Pedagogia do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Brasília-IFB/DF, larissa.lopes.araujo@hotmail.com;

³ Graduanda do Curso de Pedagogia do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Brasília-IFB/DF, stephanylorry101@gmail.com;

⁴ Graduanda do Curso de Pedagogia do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Brasília-IFB/DF, oiasmym9@gmail.com;

⁵ Professor Orientador e Professor Supervisor do PIBID: Especialista em Gestão Escolar e Temáticas Contemporâneas, SEEDF, Universidade Federal de Tocantins-UFT/TO, peterston.trindade@edu.se.df.gov.br

indispensável na socialização, adaptação e garantia de direitos. Dentro desses direitos, salientamos: lazer, alimentação, infância, apoio escolar e garantia de equidade previstas na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (*Lei nº 13.146, 6 /07/2015*) e na Constituição Federal de 1988.

Infelizmente, no Brasil existe um número pequeno de escolas especializadas para o atendimento de estudantes com transtorno e ou deficiência, bem como de professores especializadas para atuar na Educação Especial.

No Distrito Federal (DF) pode-se contar com os Centros de Ensino Especial (CEEs) e com as Equipes Especializadas de Apoio e Aprendizagem (EEAAs) nas escolas regulares que atendem estudantes na inclusão. Essas equipes são compostas por um Psicólogo, um Pedagogo e um Orientador Educacional que dão suporte nos atendimentos realizadas dentro das escolas além de acompanhamento das famílias. Entretanto, essa realidade não se estende pelo restante do país.

Assim, o presente estudo busca entender como as famílias, professores e escolas tratam o tema *luto e diagnóstico* (laudo) diante de cada deficiência ou transtorno e as transformações que se relacionam a essa etapa. As discussões apontam para importância suporte emocional adequado, do compartilhamento de experiências e do acesso a recursos psicossociais. Além disso, ressalta-se a relevância de desenvolver programas de intervenção que auxiliem as famílias e educadores a enfrentar os desafios, promovendo resiliência e adaptação positiva.

Nesse sentido, construir uma rede de apoio é fundamental, visto que carga emocional vivida ao receber um diagnóstico e adaptar-se a ele é intensa. Aos educadores cabe buscar por terapia individual ou em grupo, além de priorizar tempo para cuidar-se, uma vez que, muitos pais e educadores acabam se dedicando tanto às necessidades da pessoa com deficiência ou transtorno que suas próprias necessidades são postas em segundo plano.

Para a construção desse estudo foi realizada pesquisa bibliográfica/estado da arte nas bases de dados do Google Acadêmico e Scielo, dentre artigos e dissertações, num recorte temporal nos últimos 13 anos (2010 a 2023) a partir das palavras-chave: luto, diagnóstico, autismo, educação especial e deficiência. Também, utilizou a obra “Luto e Melancolia” norteado pelo pensamento de Freud, visando a necessidade da integração social no meio educacional e investigando fatores psicológicos e educacionais para entender todo esse processo.

O processo de ensino-aprendizagem na educação especial não é linear e nem sempre progressivo, o que gera uma constante preocupação tornando a escolarização desafiadora. O

luto nesse processo ocorre não apenas pelas perdas em relação ao desenvolvimento da pessoa, mas também pelas transformações e desafios que cada condição implica no cotidiano familiar.

O luto pode ser um assunto difícil discutido. Porém quando se fala sobre a Educação Especial, ou seja, o ensino para pessoas com deficiências e ou transtornos que não acompanham de modo regular e temporal as atividades desenvolvidas nas escolas regulares, torna-se impossível não abordar esse assunto.

Antes de entender como é o processo do luto, é necessário ter consciência que o luto não se estende apenas ao fato de perder alguém por um falecimento, mas também existem outras esferas que competem ao estado de luto.

Assim, o processo de luto das famílias de pessoas com deficiência e ou transtornos ocorre após receber o laudo médico (neurológico e/ou psiquiátrico), ao perceber os desafios reservados a cada deficiência ou transtorno, as limitações, as privações, falta de amparo de políticas públicas e principalmente a insegurança em relação ao futuro. Uma avalanche de dúvidas “e se eu morrer primeiro”, “como vou conciliar trabalho e suporte que meu filho precisa”, adaptações necessárias na rotina, na disposição da casa, no plano de carreira, um laudo depende de uma mudança estrutural de vida de cada membro da família e das pessoas que compõem o círculo social dela.

Diante desse quadro educacional no Brasil, o amparo social e educacional a essas famílias, ainda que precoce ou tardio, é muito restrito, além das dificuldades emocionais, psicológicas e físicas que os professores enfrentam.

Além de todas as dificuldades visíveis, existem as dificuldades emocionais e psicológicas. Por exemplo: o processo não linear dos educandos; a falta de cumprimento das atividades propostas; ter sempre um novo plano em caso de uma crise, ou imprevisto como a troca de medicação, ou uso de um novo aparato como cateteres; O constante estado de alerta para conter, improvisar ou amparar algum aluno. Tornando o trabalho dos educadores exaustivo e fadigoso, não somente por às vezes não cumprir com o plano de aula, mas a falta de suporte emocional e o esgotamento físico ao conter algum educando contra autolesão, por exemplo.

Tendo em vista esse cenário vivido entre os pais e educadores, o processo do luto é constante, exigindo uma posição de resposta imediata diante das dificuldades, tornando desumana a sobrecarga emocional dos envolvidos.

Quando uma criança chega ao mundo é comum imaginar que ela virá sem nenhuma deficiência, principalmente quando essa deficiência não demonstra nenhuma deformidade

física. Isso torna o luto “filho idealizado” por mínima idealização que seja muito doloroso. De acordo com o artigo- *Luto pelo filho idealizado: Pais de crianças com TEA:*

“ Antes mesmo da confirmação do positivo da gravidez, a idealização sobre esse filho ideal já existe, os pais se preparam para o recebimento dessa criança nos níveis físico, psicológico e financeiro, inúmeros planos são feitos sobre essa criança que nem se tornou real ainda. De tal modo que ao chegar um filho com TEA, as expectativas são quebradas, e eles não estarão preparados para receber as imperfeições, por isso passam por um estágio do luto pela perda do filho ideal” (DUARTE, 2019).

Pensando em como poder lidar melhor com o luto, pode-se analisar algumas alternativas para ir além dele. Contudo, cada indivíduo tem seu próprio tempo de aceitação e adaptação dessa fase, podendo ser necessário maior ou menor intervenção médica.

Quanto as fases do luto: negação, raiva, depressão e aceitação, o Doutor em Psicologia Clínica, Vitor Franco, que baseou-se na obra *Luto e Melancolia* de Freud, afirma que a criança com deficiência não é um ser perdido, mas sim vivo, todavia, não esperado. Ressalta ainda, a importância de (re)idealizar o filho, a fim que os pais se tornem não só funcionais em relação à deficiência, mas também amorosos.

É então a reidealização que permite retomar o processo de desenvolvimento dos pais na relação com o seu filho com deficiência, que pode tornar-se agora, ele mesmo, objeto de investimento (e sobre investimento) libidinal. Idealização que está de novo ligada à paixão e à projeção nela de valores ideais (2015).

A falta de apoio psicológico é um grande problema dentro da educação no Brasil, em especial, na educação especial, uma vez que esses profissionais estão constantemente expostos a exaustivas horas de trabalho e sempre em estado alerta.

Para Nascimento e Seixas, falta de amparo psicológico aos professores e educadores, durante suas pesquisas demonstram que:

A mesma pesquisa também apontou a falta de apoio em relação ao trabalho com crianças com necessidades especiais em sala de aula, trazendo que 70% dos professores entrevistados não recebem nenhuma orientação específica para essas atividades. A sobrecarga de trabalho e más condições de trabalho também foram ressaltadas na pesquisa, uma vez que a maioria dos professores tem de levar tarefas do trabalho para realizar em casa, e também contatou-se a queixa quanto às condições do ambiente da sala de aula, como o ruído interno, má ventilação e má iluminação das salas de aula.” (Gestrado/UFMG, 2013).

O luto inicial, experimentado após o diagnóstico dá lugar ao processo contínuo de transformação e aprendizado para as famílias e educadores, conforme eles se ajustam às novas realidades e as necessidades da pessoa com deficiência.

O presente estudo é fruto de estudo realizado por meio de estado da arte, ainda em andamento e compõe atividades inerentes ao PIBID, graduandos do 1º semestre do curso de Pedagogia (IFB). Todavia, os achados apresentados motivaram este estudo que se estenderá

por mais 2 semestres na unidade escolar de referência. Assim, as inferências aqui apresentadas serão aprofundadas à luz de novas pesquisas.

Palavras-chave: luto, diagnóstico, autismo, educação especial e deficiência.

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, I. M.; POLETTO, M. **Vivências Emocionais de Mães e Pais de Filhos com Deficiências- SPAGESP** - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo Revista da SPAGESP, 16(2), 102-119.

<https://drive.google.com/file/d/1MvROCe9SS8UOdWnY2havP3PDfddzYUS9/view?usp=drivesdk>. Acesso em 15 ago. 2023.

LIMA, J. C. **Luto pelo Filho Idealizado: Pais de crianças com TEA** Revista Estácio Recife - novembro 2021

https://drive.google.com/file/d/1MroSMrcMcN2V1_0Gpe39mLI1qJv0ET9t/view?usp=drivesdk. Acesso em:13 ago. 2023.

SILVA, M. D. F. **Processos de Luto na Educação** Universidade do Minho Instituto de Educação e Psicologia- BRAGA, 2004

https://drive.google.com/file/d/11BjX_OZv44m6MgjX9smG-fCCRSRIQe-W/view?usp=drivesdk. Acesso em: 12 ago. 2023.

FRANCO, V **Paixão-dor-paixão: pathos, luto e melancolia no nascimento da criança com deficiência** - Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., São Paulo, 18(2), 204-220, jun.2015

<https://drive.google.com/file/d/1N80mWiCcxWTfxlX2vY3l-nriK3BwnkLf/view?usp=drivesdk> Acesso em 16 ago. 2023.

NASCIMENTO, H. B.; SEIXAS, E. **O adoecimento do professor da Educação Básica no Brasil: apontamentos da última década de pesquisas** Educação Pública- 2020

<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/36/o-adoecimento-do-professor-da-educacao-basica-no-brasil-apontamentos-da-ultima-decada-de-pesquisas>